

## **In Memoriam a Lísias Nogueira Negrão**

*Adone Agnolin\**

Perante o convite para esta homenagem, não tenho a mínima intenção e nem a possibilidade de falar da vida do Professor Lísias: esta impossibilidade já é indício inicial, entre outras coisas, da extrema discrição dele que, ao longo dos anos de orientação, sequer ofereceu o espaço para entrever ou intuir esta dimensão. Como penso justo que seja – mesmo em época de redes sociais, compartilhamentos e, muitas vezes, meros exibicionismos manifestados por figuras públicas e privadas –, parece-me que Lísias conservou sempre uma dimensão íntima de sua vida: não tanto secreta, quanto quase sagrada e, de qualquer modo, não imiscuída com a dimensão acadêmica. E penso que tudo isto represente uma extraordinária qualidade, sobretudo quando esta discrição se combine, ao mesmo tempo, com a generosa e pontual disponibilidade que, apesar disso, Lísias sempre demonstrou em atender e responder às inquietações que, inevitavelmente, surgem de um percurso, às vezes tortuoso, de investigação. Não tenho dúvida, enfim, que ele deixou para mim, como creio para tantos outros colegas, a herança de uma comunicação, de um carinho e de uma sólida relação, tanto mais preciosa quanto mais sentimos, agora, o grande vácuo deixado por ele.

Respondendo ao convite proposto, portanto, não pretendo nem mesmo entreter-me em algum tipo de análise e/ou avaliação da obra de Lísias. Já tão difícil resulta entender o conceito e o reflexo de autoria em sua obra por parte de um autor (de qualquer autor) que se dedique com afinco, não somente literário, no empreendimento e na dedicação à investigação e à produção de seus resultados ao longo de uma vida. Difícil entender seu impulso profundo e suas motivações que sustentam a constante atenção de seus interesses e de seu percurso, de sua dedicação de estudos e pesquisa que, muitas vezes, resulta um empreendimento árduo e nem sempre coerente aquele de tentar compreendê-lo do exterior. Trata-se, enfim, e não por último, da mesma dificuldade que se apresenta para entender uma dedicação à prática acadêmica, ligada ao diálogo e

---

\* Professor Doutor de História Moderna e História das Religiões, Departamento de História – FFLCH-USP, E-mail: [adone@usp.br](mailto:adone@usp.br)

às suas modalidades, didáticas e humanas, com as orientações conduzidas por aquele que, além de autor, torna-se referência e estímulo para outros tantos endereços de estudo e de pesquisa e, com isto, só pode ser “avaliado” no interior desse canal comunicativo.

Não pretendendo, então, falar da vida e nem da obra do professor Lísias, o que me resta a fazer, então, com esta homenagem? Com ela prefiro apenas entreter-me e deter-me, justa e principalmente, no interior desta última dimensão da relação didática, comunicativa e humana. É esta, de fato, que, nas melhores das hipóteses, se realiza sempre, por além de uma “racionalidade” do confronto intelectual entre orientador e orientando, na construção, sub-reptícia mas constante, de uma relação constituída, por além que neste confronto, também ao redor de cumplicidades, entendimentos, vicissitudes que, enfim, transbordam decididamente a mera relação didático-acadêmica...

Mesmo sabendo quanto é particularmente árduo comunicar este lado menos evidente da vida acadêmica e, conseqüentemente, transformar este “sentimento” em palavras, é na direção deste esforço que gostaria de construir esta pequena homenagem, oferecendo-a à saudosa memória do Professor Lísias. E digo “professor” mesmo sabendo que, com isso, contravenho a um convite que, alguns anos atrás, o próprio Lísias me dirigiu quando, encontrando-o e cumprimentando-o, ele me disse: “Adone, pare de me chamar de Professor Lísias: agora, já faz certo tempo, somos colegas...”. Maravilhosa lição, no estilo contido, humilde e, ao mesmo tempo, grandiloquente de que ele era capaz!

Nos agradecimentos do meu *O Apetite da Antropologia*, a tese de Doutorado que desenvolvi, na importante parte final de sua elaboração, sob a orientação dele, manifestava minha gratidão, além que a outras relações acadêmicas, ao próprio “Lísias Nogueira Negrão, orientador precioso e preciso nesse meu mais recente percurso”: sim, por além do trocadilho brincalhão e carinhoso, ele foi mesmo “precioso” e “preciso”. E as duas adjetivações dirigidas a ele eram absolutamente justas e pertinentes no retrato conciso de sua pessoa.

Seu apoio incondicional e a sua grande e generosa confiança justificam a primeira adjetivação: enquanto estrangeiro, encontrando-me em uma situação institucional que estava por se revelar perniciosa e obstinadamente hostil (para não dizer mais, relativamente a certas desconfianças e incapacidade de se colocar em questão em um confronto verdadeiramente intelectual, acadêmico e

de pesquisa, por parte de um outro Departamento), Lísias aceitou de me orientar com a demonstração de uma generosidade ímpar. Disse-me: “constato e sei o quanto seu trabalho é sólido e metodologicamente fundamentado, original e autônomo. Não sei se tenho competências para poder te oferecer uma orientação pertinente, mas sei quanto posso confiar na autonomia de tua investigação e das competências de tua formação”.

E, apesar de mais esta demonstração, ao mesmo tempo, de humildade e generosidade, ele nunca deixou de ser, também, “preciso”. Confiar na autonomia de um orientando, de fato, não significou em momento algum, para ele, desinteresse, desleixo ou desatenção, acomodando-se em uma situação que, eventualmente, podia lhe oferecer a comodidade de não se dar a certo trabalho. Pelo contrário, apesar do generoso reconhecimento de autonomia para a minha investigação, nunca me faltou sua atenção e precisão, diria quase meticolosas, para meus textos e trabalhos, para com os horários de nossos regulares encontros e compromissos: sempre com uma total abertura e disponibilidade para um confronto que, no que me diz respeito, contribuíram não pouco para meu desenvolvimento humano e intelectual.

Suas qualidades de discrição, humildade, confiança, generosidade, atenção, precisão e disponibilidade o tornaram, para mim e sem dúvida, além de precioso orientador, um exemplo de humanidade que complementa e transborda a simples relação acadêmica. Mas, finalmente, o breve retrato relacional aqui traçado (e que em sua maior amplitude conservo comigo) da sua figura não poderia ser completo se deixasse de lado a fina ironia que costurava e complementava sua pessoa. Uma ironia sutil mas, ao mesmo tempo, quase timidamente expressa. Um exemplo entre tantos. Em fase de finalização da tese (na qual a uma certa altura citava e remetia a uma importante e consistente bibliografia de um filósofo da ciência, da Universidade de Florença, cujo nome era Paolo Rossi), em um dos nossos encontros em proximidade do depósito e, logo, da defesa, durante uma breve pausa da nossa conversa olhou-me com aquele olhar irônico e se saiu me dizendo: “Adone, não sei se vou aceitar de defender essa sua tese perante a banca...”. “Como assim, professor Lísias”, disse eu, surpreendido, naquela altura, por esta, a dizer pouco, inesperada declaração. E ele, apenas acenando um sorriso que ia se tingindo das cores da ironia, me respondeu: “neste capítulo há demais Paolo Rossi (referindo-se ao jogador da seleção italiana, tristemente famoso no Brasil) para que eu mesmo

possa te defender perante uma banca de defesa aqui, no Brasil...”. Maravilhoso seu sucessivo, sempre contido, mas, finalmente, brilhante sorriso, suspenso entre ironia e cumplicidade.

Não por último, enfim, o acolhimento generoso e atento que encontrei na orientação dele foi completado por outro, bem mais pessoal, que ele, em nossos regulares encontros, acabou me propiciando e do qual, inicialmente, não se deu conta. ... E quando isto aconteceu, até nisso ele revelou-se sempre discreto, sensível, respeitoso e, diria ainda, profundamente terno.

Em conclusão desta homenagem, são esses os traços que, para mim, tornaram-se – sempre discretamente, mas, poder-se-ia dizer, weberianamente – carismáticos do professor Lísias: eles tecem a preciosa memória que conservo em mim desta exemplar figura de ética e sensibilidade humana. “Memória”: esta tão frágil faculdade de conservar momentos e associações do decorrer fugidio da vida; mesmo assim, no fundo, apesar de sua marca que carrega os traços desta fragilidade, a memória permanece a faculdade humanamente mais forte no desafio constante de preservar a vida enquanto ela foge... Nesta última direção, além de uma forte orientação de vida (repito, não somente acadêmica) que carrego comigo, a viva memória do professor Lísias representa, para mim, além do peso de uma ausência e de uma saudade, também a viva exemplaridade que alimenta meu percurso. A força desta memória e a reverberação dessa figura exemplar que ela realiza fazem reviver uma sincera amizade que, apesar da ausência, ainda transpira vida. É este o poder da memória, frágil e forte, ao mesmo tempo: faculdade de conservar momentos passados por parte dos vivos, mas também, enquanto tal, poder de salvaguardar e fazer ecoar o nome (que histórica e sociologicamente denominamos de “reputação”) de quem já não está mais entre nós, mas que, na rememoração, torna-se sempre e continuamente presente. É este, também, o sentido profundo de uma homenagem como essa, justa e merecidamente endereçada para quem, como Lísias, deixou, com seu exemplo, profundas e vivas saudades, mas também preciosas lições, ao mesmo tempo, de vida e de ética profissional que, ainda, têm o poder de orientar nossos percursos.